

Da *ocupação* do anarquismo organizado no século XXI

Este livro apresenta em seus diversos artigos as primeiras análises do rico arquivo João Penteadó e ilumina o que continua de certa forma pouco estudado no Brasil, no âmbito das práticas pedagógicas libertárias; das relações que constituem o cotidiano escolar, do papel do teatro, das artes visuais, da literatura e das artes plásticas, além da prática de conferências, refeições coletivas ao ar livre, e o que hoje chamamos de estudo do meio realizado fora dos muros da escola.

Cabe ressaltar que esta publicação vem preencher importante lacuna observada na generalidade das faculdades de Pedagogia, inclusive na da USP, que fez-se como um silêncio em relação a essas experiências pedagógicas anarquistas desenvolvidas no âmbito do movimento operário no Brasil durante as primeiras décadas do século XX. E, nesse sentido, há a certeza de que a publicação deste livro constitui-se como um importante marco.

## da *ocupação* do anarquismo organizado no século XXI

FLÁVIA LUCCHESI

Mark Bray. *Translating Anarchy – The Anarchism of Occupy Wall Street*. Winchester, Zero Books, 2013, 332 pp.

No decorrer do ano de 2011 eclodiram protestos, manifestações de rua e *marchas* em diferentes lugares do planeta. Dentre as que se desdobraram a partir dos

*Flávia Lucchesi é pesquisadora no Nu-Sol e no Projeto Temático FAPESP Ecológica, mestranda em Ciências Sociais pela PUC-SP. Contato: flalucchesi@gmail.com.*

protestos que levaram à ocupação da Praça Tahir, na capital egípcia, em fevereiro daquele ano, a de maior destaque no continente americano foi a ocupação do Parque Zuccotti, localizado no distrito novaiorquino de Manhattan, próximo à Wall Street.

É desta ocupação e do movimento que a realizou, conhecido como *Occupy*, que Mark Bray trata em seu livro *Translating Anarchy*, publicado pela editora britânica Zer0 Books, ainda sem tradução para o português.

Bray é doutorando na Universidade de Rutgers e pesquisa o anarquismo espanhol na virada do século XX. Faz-se presente na luta anticapitalista desde a época do colegial, quando foi animado pelas músicas rebeldes da banda Rage Against the Machine; é membro da organização sindical Industrial Workers of the World (IWW), agiu em manifestações do movimento de justiça global no início dos anos 2000, e participou da organização do movimento *Occupy*, nos grupos Press Working Group (WG) e Direct Action (DA). Tal participação intensa possibilitou-lhe entrevistar 192 organizadores do *Occupy*, no período de dezembro de 2011 a fevereiro de 2013, o que, somado aos relatos pessoais do que vivenciou na ocupação, embasa a obra.

Diante das muitas publicações e teses rapidamente produzidas sobre esse evento, o livro de Bray se diferencia por mostrar a presença de anarquistas na organização deste movimento, atentando para a diferença entre as práticas dos organizadores do *Occupy* e os clamores dos que *marchavam* nas manifestações do movimento – os chamados *occupiers*.

A partir das entrevistas, o autor anuncia que a maioria dos organizadores eram declaradamente anarquistas ou

Da *ocupação* do anarquismo organizado no século XXI

militantes de “políticas essencialmente anarquistas” (p. 4), aos quais ele se refere como “anárquicos”: anticapitalistas, anti-hierárquicos, e “orientados pela ação direta”.

Os depoimentos coletados, e os números a partir deles quantificados, levam Bray a afirmar que o *Occupy* foi organizado e feito em grande parte por anarquistas. Assim, o considera um movimento anarquista e sinaliza, seguindo David Graeber, que o anarquismo é o movimento do século XXI. Graeber é certamente o maior interlocutor contemporâneo de Bray. Ao lado dele, aparecem Murray Bookchin, Noam Chomsky, e os marxistas David Harvey e Eric Hobsbawn. Contudo, apesar de pensar o anarquismo como o movimento do século, os dados coletados por Bray mostram a falta de envolvimento anterior em lutas políticas por parte dos jovens estadunidenses. Das quase duas centenas de entrevistados, 30% nunca haviam tomado parte em lutas políticas antes do *Occupy*. Em relação aos demais, a maioria citou como ações anteriores o trabalho em ONGs ou o engajamento em campanhas eleitorais de candidatos democratas ou do *Green Party* (p. 78).

Nesse sentido, o autor entende a importância do movimento *Occupy* como um “veículo para traduzir a anarquia” (p. 7) e, assim, *politizar* pessoas. Através de seu livro, intenta dar continuidade a essa *tradução*, uma vez que considera a maioria das pessoas bastante receptivas às “ideias” anarquistas, entendendo que o que as afasta do anarquismo é a falta de conhecimento e as “ciladas ideológicas” (p. 5) armadas pelo 1% que controla a mídia e a educação no país.

No entanto, com o intuito de atrair mais pessoas para o movimento, os organizadores apostaram em uma relação

com a grande mídia, a qual veiculou o movimento como uma resposta ao que consideram ineficiência do governo Obama em administrar e amenizar os abalos da crise econômica que estourou em 2008. Interpretado como fruto de crises, o *Occupy* foi utilizado para endossar afirmações democráticas, reforçar o patriotismo estadunidense e confirmar o investimento em capital humano nos jovens que se mostram demasiadamente preocupados com as corporações e com o melhor funcionamento do capitalismo. Bem humorado, o autor lê nesse jornalismo ardiloso a intenção em fazer do *Occupy* um “tea party liberal”.

Mostrando não desconhecer as inúmeras tentativas liberais de captura de palavras libertárias, por meio das quais também se travam lutas, Bray apresenta nota esclarecedora acerca dos embates entre libertários e liberais na história dos Estados Unidos, mostrando como a palavra libertário quase foi tragada pelos liberais e como possibilitou se falar em “anarco-capitalismo” no âmbito da economia, na década de 1950.

A relação com a mídia interessava desde que atravessada por uma estratégia: todos os membros do grupo de Trabalho de Imprensa (WG) deveriam evitar se posicionar francamente como anarquistas, assim como deveriam evitar o uso de expressões como anticapitalista, no intuito de disseminar os “ideais” anarquistas de modo a produzir mais adesão ao movimento. Utilizavam “códigos” como: “alternativos”, “independentes”, “não-hierárquicos”, “a favor da horizontalidade”, “sem líderes” (p. 162), mesmo sendo todas essas expressões muito usuais no discurso neoliberal.

Expressões desse tipo, alheias aos anarquismos, são utilizadas como estratégia para conquistar legitimidade

para o movimento. Desse modo, ao aproximarem-se da linguagem da ordem, acabam contendo um potencial de revolta. O movimento tende a ser capturado. A escolha entre estratégia ou tática explícita, no interior dos anarquismos, a distinção entre organização e associação.

A preocupação com uma estratégia é constantemente destacada ao longo do livro. Bray é bastante elogioso às formas organizadas do anarquismo e retoma diversos acontecimentos históricos vinculados aos anarco-sindicalistas e anarco-comunistas, além das referências *clássicas* que se concentram, em maior peso, entre Kropotkin, Malatesta e Bakunin, sendo este último apresentado como o fundador da “doutrina anarquista” (p. 46). As formas organizadas do anarquismo são tratadas pelo autor como uma maneira de “engajar uma parcela mais ampla da sociedade em formas de resistência” (p. 54), de modo a introduzi-las na “doutrina anarquista”, ao considerar que muitos são anárquicos, ou tendem ao anarquismo sem terem o conhecimento disto. Tais organizações, que compreende como sendo desde a CNT até o *Occupy*, representam, para Bray, um “processo de difusão ideológica” (idem), mas um movimento deve produzir mais que ideologia.

Bray acredita em uma revolução anarquista e, numa esteira kropotkniana, pensa ser essa revolução integrante de um processo evolutivo, e portanto finalista. Assim, certas diferenças são propositalmente desconsideradas. Os chamados anarquistas individualistas, primitivistas e mutualistas são mencionados apenas e brevemente no segundo capítulo – “O veneno do Occupy Wall Streets – anarquismo e o anárquico” –, como “periféricos” (p. 55) em termos da *História do Anarquismo*. Nessa

periferia evolutiva, Proudhon é classificado como “proto-anarquista”, e, por conseguinte, o anarquismo se resumiria a organização e estratégia.

A necessidade de estratégia é tamanha que a tática *black bloc*, textualmente apresentada pelo autor como tática, deve se tornar uma possível ação estratégica, na qual muito mais do que a preocupação pacifista de certos anarquistas, o caráter decisório acerca de sua *aplicabilidade* é que define sua eficiência ou não nos rumos do processo revolucionário, ou seja, apesar de existir, ela também é secundária. Entretanto, o que se presencia desde então é, simultaneamente, a expansão da tática *black bloc* como sinônimo de revolta, enquanto os *organizativos* tendem a se acomodar em justificativas de difusão ideológica, o que por si só se torna uma manejada forma de captura da radicalidade em alternativo.

Apesar disso, a leitura de Bray sobre os *black blocs* destoa da profusão de julgamentos e temores que têm sido enunciados, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil. Em relação às práticas consideradas violentas, Bray equaciona claramente porque, desde o século XIX, e em especial devido à “propaganda pela ação”, os anarquistas são julgados violentos, ou “porque os anarquistas executam seus atos de autodefesa e resistência sem a legitimação do Estado” (p. 250).

Pelo objetivo coletivo organizado, a ação direta aparece conectada à noção de uma “política além do voto”, apresentada pelo autor longamente no decorrer do quarto capítulo, intitulado “Por que precisamos de uma revolução ou: além do ‘socialismo em um parque’”. Para Bray, é considerada ação direta uma ação que independa

de alguma autoridade, autorização legal ou instituição, mesmo quando vinculada a um grupo que, ainda que não institucionalizado, circunde esse ambiente. Para tanto, dá exemplos como a ação coletiva de arrumar uma praça abandonada, se aproximando da ecologia social de Murray Bookchin. Ademais, somente o fato de haver na ocupação um grupo denominado DA (ação direta), responsável pelo planejamento das ações que seriam praticadas, já é capaz de deixar os leitores interessados por práticas anarquistas no interior do *Occupy* um tanto confusos.

Essa confusão proposital se faz presente em diversas passagens do livro, como quando Bray afirma que o *Occupy* foi um movimento anarquista. Por outro lado, algumas histórias, em especial no terceiro e no quarto capítulos, empolgam ao narrar ações e invenções anarquistas no interior do *Occupy* – como a tenda médica da ocupação sinalizada como “a cruz vermelha e negra”, e as manifestações que escancaravam o embate contra o capitalismo, como a de Goldman Sach, em dezembro de 2011, quando se ouviu pela primeira vez o grito “a-anticapitalista!” –; as contestações antiglobalização, nas quais o autor esteve presente em suas primeiras ações como jovem *punk* pelas ruas de New Jersey; e, principalmente, suas experimentações durante uma viagem à Atenas no final de 2012.

Na percepção coletivista de Bray, o próprio slogan do movimento, “nós somos os 99%”, elaborado por David Graeber, foi responsável por apresentar “de maneira digerível” (p. 155) os conceitos anarquistas, reclamando “senso de classe” (idem) de uma maneira inclusiva e majoritária, e atraindo também os considerados *despolitizados*. Diante do sucesso desse slogan, que só foi

lançado em agosto de 2012, os organizadores suspenderam a estratégia de esconderem-se como “alternativos”. Um dos entrevistados comenta que “isso [de ser anarquista] não afugenta mais as pessoas e mostra que pessoas normais são anarquistas” (p. 161).

Os valores da moral de alguns anarquistas, além de confundirem o leitor, mostram que, para eles também, certas diferenças devem ser aniquiladas. O entendimento das práticas de liberdade como “sementes revolucionárias”, úteis, continua a afirmar a liberdade como um valor. Assim, se tornam meios para construir um mundo melhor e, um dia, quem sabe, se chegar à *sociedade anarquista*.

Contudo, para além das dissonâncias, *Translating Anarchy* mostra que a partir dos espaços de liberdade produzidos no interior das democracias, é possível propiciar novas experimentações e outras inventividades. Dos depoimentos transcritos no livro, muitos contam transformações de gente que entrou para o combate em vez de seguir desejando reformas neoliberais para angariar melhorias.

Mesmo que o anarquismo não seja “a bola da vez”, como sinaliza Graeber, o que Bray busca confirmar, longe da morte do anarquismo declarada por alguns cientistas das humanidades, o livro mostra que há sempre aqueles que apreciam a vida livre e certos espaços que podem propiciar e ampliar práticas livres.

*Translating Anarchy – The Anarchism of Occupy Wall Street*, apesar de conter um interesse maior, que por vezes torna a leitura um tanto cansativa e bastante direcionada, interessa a quem está atento às resistências na sociedade de controle e às práticas anarquistas no presente. E talvez

Da *ocupação* do anarquismo organizado no século XXI

por isso, também incomode a recorrência comparativa frequente do autor a acontecimentos do século XIX.

Por fim, o que Bray mostra, para além de seu livro e do *Occupy*, é a necessidade de se ter paciência para perceber certas nuances que atravessam ou se desdobram a partir das movimentações atuais, e é assim que podemos encontrar algo *menor* que passa *despercebido* pelas manchetes de jornais e também pelas organizações de massas, tão aclamadas por Bray.